

1º Domingo da Quaresma

1ª leitura (Antigo Testamento) – Gênesis 9:8-17

O texto para este domingo encerra o relato do Dilúvio. Por sua vez o relato do Dilúvio é uma saga etiológica, ou seja, uma estória que busca explicar algum acontecimento ou crença do presente a partir de uma história passada. O Dilúvio era uma história muito difundida na Babilônia onde o povo de Israel ficou exilado durante mais de 40 anos. Essa história não existia na cultura do deserto onde a causa mais comum da morte de grandes grupos de pessoas era a seca e não o excesso de água. Na verdade, em Gênesis 1 a 11 temos a versão Israelita de três mitos babilônicos: O da criação (Gn 1.1-24^a); o do Dilúvio (Gn 6-9) e o da torre de Babel (Gn 11:1-9). Pelo tamanho dos relatos e pela sua distribuição fica evidente que o mais importante dos três era o do Dilúvio, que fica no centro e ocupa três longos capítulos. Mas o que tornaria este mito babilônico do Dilúvio tão importante, ao ponto de precisar um nova e bem elaborada versão israelita?

Na Mesopotâmia (terra entre rios) desde as antigas culturas suméria e acádica (3000 anos antes de Cristo aproximadamente) as monarquias eram separadas naquelas anteriores à "grande inundação" e aquelas posteriores. Portanto a "grande inundação" estava diretamente ligada ao surgimento e ressurgimento da monarquia mesopotâmica. O mesmo mito fazia com que o povo se submetesse a autoridade divina do soberano de forma de manter a ordem cósmica que permitia as chuvas e evitava as inundações. Quando parte do povo de Israel foi escravo na Babilônia não entendia que o poder do monarca pudesse estar acima da vontade do Deus de Israel de salvar seu povo. Será que se o povo de Israel desobedecesse o rei da Babilônia morreria afogado num dilúvio?

A releitura do mito do Dilúvio tem então dois aspectos básicos: a releitura da sua origem (colocando o humilde Noé e sua família no lugar do rei que se salva, junto aos animais) e a releitura das suas conseqüências futuras no sinal do arco-íris. O arco-íris, mencionado em Gn 9. 14-15 devia ser um fenômeno comum na úmida Babilônia. Essa nova aliança declara a abolição futura do dilúvio, sem importar o comportamento humano (Gn 8:21-22). A destruição pelo dilúvio não acontecerá para mais ninguém, israelita ou não, seres humanos e animais, chamados na declaração de "toda carne" (v. 15-17). Desta forma se acabava de vez com o terrorismo do Estado Babilônico, libertando as pessoas para lutar pelo que é justo sem medo da "ordem mundial" dos poderosos, mas olhando para o arco-íris sinal da aliança com o Deus da Vida. (HMG)

2ª leitura (Epístola) – 1 Pedro 3.18-22

É possível que a escolha da Epístola esteja em função da leitura do Antigo Testamento. Há dois pontos interligados. Primeiro, é uma abordagem pastoral diante do medo da perseguição e do sofrimento. Há quem sofra por causa da maldade que pratica. Há quem sofra por praticar o bem. Os destinatários da carta se enquadram na segunda categoria. É melhor sofrer pelo bem, pela justiça. Não se deve temer os que infligem o sofrimento,

porque o poder deles é limitado. O sofrimento de Jesus é testemunho disso. Jesus, o justo, sofreu injustamente, em favor dos injustos. E Deus não O deixou na sepultura. Ao contrário, Ele constituiu um caminho novo para que todos vivessem. (ver vs.18 e 2.22ss.) Por isso, os que vivem sob a perseguição não devem viver dominados pelo medo do sofrimento. Esse parece ser um apelo pastoral. Segundo, o poder de Deus manifesto no amor de Cristo não conhece fronteiras. Não há ninguém, nada, nenhum lugar que esteja fora do alcance do amor de Deus. Isso é expresso na pregação aos que morreram afogados no tempo de Noé. Conforme a anotação da Tradução Ecumênica da Bíblia, esses eram tidos como os piores pecadores na tradição judaica. (A soberania desse amor (revelado no sofrimento em favor de outrem, vs.18)) é extensiva aos poderes considerados maléficos, (vs.22).

A sugestão do verso 18 está no embasamento da coragem e esperança, moral forte, disposição do coração nobre, boa consciência para enfrentar os relacionamentos conflitantes causados pela injustiça cometida por outrem, embasamento esse no sofrimento salvador e redentor de Cristo. Em outras palavras, o sofrimento de Cristo não é apenas exemplo a ser seguido, mas como o poder ser aceito e confiado, no sentido de que, na sua realidade assumida, (traduzida como carne ou corpo, sendo a carne, não uma parte, mas o todo humano frágil, histórico, dominado pela paixão, vontade mal dirigida e pelo ciclo de vingança) Jesus Cristo deu fim e foi vivificado pelo Espírito de Deus. Lucas entendeu que a mensagem de Jesus na sinagoga de Nazaré com a supressão da cláusula "vingança de nosso Deus", de Isaías 61 e na oração de Jesus na Cruz pelo perdão de seus inimigos foi um basta ao poder maléfico da vingança.

Há ainda no texto um ponto valioso a ser considerado. O texto fala no que embasa nas profundidades da lavagem batismal. Não é apenas um rito, mas um compromisso relacionado com a boa consciência, coragem e esperança, em meio às aflições. Essa é, na Quaresma, a caminhada com Jesus no seu Batismo, para a Páscoa, o tema do Evangelho deste domingo. (ST)

Santo Evangelho - Marcos 1. 9-13

Em uma primeira leitura do Evangelho deste domingo imediatamente nos salta aos olhos as referências aos locais. Nesses poucos versículos encontramos três referências bem distintas a locais que representam momentos de nossa caminhada espiritual ao lado de Jesus.

O primeiro lugar citado é Nazaré da Galiléia. Jesus é chamado de Nazareno porque sua vida está associada àquela aldeia. Nazaré representava o lugar onde ele passara sua infância, o lugar onde ele crescera, onde ele tinha família, segurança, carinho, enfim, o lugar onde estamos seguros. Mas ele, que quer assumir seu compromisso com Deus, precisa se expor. Ele precisa abandonar a segurança que Nazaré representa e assumir o projeto que o Pai lhe propôs. Como Jesus também precisamos abandonar a "segurança" que temos e nos envolver de corpo e alma com o projeto de Deus para nossa vida.

O segundo lugar mencionado neste texto é o rio Jordão. Lá, está seu parente João, o batista. Aquele que a igreja primitiva associou como a "voz que clama no deserto". Ele prega o arrependimento e o compromisso incondicional com Deus. O batismo é um ritual público de que as coisas

mudaram, de que a conversão ocorreu, de que as coisas velhas já passaram e de tudo se fez novo. Tal como Jesus, também precisamos ter um encontro com nosso batismo, no Jordão. Precisamos renovar nossa renúncia ao mal e renovar nosso compromisso com o Reino de Deus. Precisamos declarar, mais uma vez, que Jesus é nosso Senhor.

O último lugar citado neste texto é o deserto. Sempre que falamos em deserto nos lembramos de um lugar inóspito, um lugar onde a vida é difícil, onde falta a água, o alimento, onde o calor é insuportável durante o dia e o frio nos aflige durante a noite. Mas Jesus foi até o deserto, porque o deserto é, também, o lugar onde Deus nos fala, nos instrui, nos orienta e nos fortalece para exercermos nossa missão no mundo. Em um mundo que evita de todas as formas falar em dor e em sofrimento, o Evangelho nos relembra que seguir Jesus é "tomar a cruz", é estar "crucificado com Cristo", é estar disposto a morrer e a se doar. É ser semente também. Não há vida cristã sem deserto. Assim como não há vida cristã sem o abandono do conforto e sem o compromisso com o projeto do Reino. (JLFA)